

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
ANTE-ESTREIAS
10 de março de 2023

GREAT YARMOUTH – PROVISIONAL FIGURES / 2022 (*Great Yarmouth – Provisional Figures*)

um filme de Marco Martins

Realização: Marco Martins / **Argumento:** Ricardo Adolfo, Marco Martins / **Direção de Fotografia:** João Ribeiro AIP / **Música Original:** Jim Williams / **Som:** Miguel Martins, Rafael Cardoso / **Misturas:** Daniel Sobrinho / **Design de Produção:** Wayne dos Santos / **Figurinos:** Isabel Carmona / **Assistente à Realização e Anotações:** Rita Quelhas / **Assistente de Realização:** João Pinhão / **Maquilhagem e Cabelos:** Maria Almeida Nani / **Montagem:** Karen Harley, Mariana Gaivão, Marco Martins / **Com:** Beatriz Batarda (Tânia), Nuno Lopes (Carlos), Kris Hitchen (Richard), Romeu Runa (Raúl), Rita Cabaço (Sandra), Robert Elliot (Bob) / **Com o apoio de:** Instituto do Cinema e do Audiovisual, RTP - Rádio e Televisão de Portugal, Centre National du Cinéma et de l'Image Animée, Aide aux Cinémas du Monde, Institut Français, Région Nouvelle-Aquitaine, Département de la Charente-Maritime, BFI's Film Fund, Eurimages Council of Europe, Creative Europe Programme Media of the European Union

Produção: Uma Pedra no Sapato / **Co-produção:** Les Films de l'Après-Midi, Elation Pictures, Damned Films / **Produtores Executivos:** Emilie Joffroy, Ian Hutchinson, Saskia Thomas / **Co-produtores:** François D'Artemare, Yohann Cornu / **Produtoras:** Filipa Reis, Kamilla Kristiane Hodøl / **Cópia:** dcp, cor, legendado em português, 113 minutos.

Com a presença de Marco Martins

"Fui responder ao anúncio ao pé do Marquês de Pombal. Entrei num escritório, onde nos deram uma palestra sobre Great Yarmouth: tudo certinho, mostraram-nos um hotel todo bonitinho com as *tupperwares* todas certinhas dentro do frigorífico. Íamos embalar fiambre para Inglaterra. Disseram-nos que Great Yarmouth era como o nosso Algarve. Pediram-nos para ver as nossas mãos, os nossos dentes e fizeram-nos exame de sangue. Éramos um grupo de 35, fomos distribuídos por hotéis e pensões. À noite roubavam comida dos frigoríficos. A mim calhou-me a Blight House. Ficavam quatro em cada quarto. Uns trabalhavam de noite, outros de dia. Às três e meia da manhã acordava para ir para a fábrica. Estava um tradutor à nossa espera que nos levou a um sítio onde nos deram um capacete, as botas e uma touca. Havia um cheiro intenso a merda e a sangue. Quando abri as cortinas vi perus pendurados por todo o lado, a deitar sangue. Aquele cheiro pestilento a azedo entranhado nos nossos corpos. Vomitei-me toda. Vi homens grandes a chorar, não queriam estar ali e não aguentavam aquilo. Foram embora."

Testemunho de Maria do Carmo, trabalhadora na Bernard Matthews, durante os ensaios de Great Yarmouth.

Great Yarmouth – "O melhor lugar do universo" – escreveu Charles Dickens em 1849, quando para lá levou um dos heróis operários mais queridos da Inglaterra vitoriana, David Copperfield, sem imaginar que 160 anos depois a indústria alimentar e a atração dos ocidentais à carne processada e aos perus para recheiar no Natal, dariam abundante lugar de emprego aos

trabalhadores portugueses fugidos da recessão económica e a um estilo bem diferente de *Working Class Hero* – Tânia.

2020, no meu quarto do Royal Hotel, no mesmo exacto quarto onde Dickens se hospedou para escrever *Copperfield*, tenho vista sobre a Golden Mile (a marginal de Great Yarmouth) e para as ruas desertas desta vila fantasmagórica onde preparo a rodagem de *Great Yarmouth - Provisional Figures* (2022). Um filme que forma com *São Jorge* (2016) uma espécie de díptico sobre os anos da *troika*, os escombros das sucessivas crises que se seguiram e a recessão económica da última década (talvez o acontecimento histórico mais marcante para a minha geração).

É o culminar de um período de trabalho de seis anos, iniciado em 2016, ainda longe das sombras do *Brexit*, quando a convite do meu amigo Renzo Barsotti e da associação artística Sea Change, visitei a cidade pela primeira vez com o objectivo de fazer uma peça de teatro com emigrantes portugueses dessa região inglesa. Relativamente desconhecida para a maioria das pessoas (na qual eu me incluía), a emigração portuguesa para esta vila turística iniciou-se aproximadamente em 2009, tendo como destino as grandes fábricas de transformação alimentar que se instalaram nesta zona tradicionalmente fustigada pelo desemprego, aproveitando os hotéis vazios para instalar os trabalhadores sazonais. Nessa época, estimava-se que a comunidade portuguesa de Great Yarmouth tinha cerca de 7 mil pessoas.

Durante meses trabalhei com emigrantes portugueses, gravando dezenas de entrevistas (em cafés, paragens de autocarro ou na sala de ensaios) durante a construção de uma peça de teatro inteiramente representada por actores não-profissionais que estreou em 2018 no Norfolk & Norwich Theatre Festival. Apercebi-me que o meu trabalho ali ainda não estava terminado e que a minha inquietação com o que se passava naquele local não se esgotara. Tinha ainda muitas perguntas sobre este lugar e parti para a escrita deste filme - uma ficção criada a partir dos relatos dos trabalhadores de Yarmouth e da visão de uma *gangmaster* (que aparecia recorrentemente nas minhas conversas com os trabalhadores das fábricas), a quem os emigrantes chamavam a "Mãe dos Portugueses".

Yarmouth é um fim do mundo, uma espécie de Las Vegas decadente, vazia e sem fulgor, onde se sucedem néons de casinos, bares de strip com nomes flamejantes – Caesar Palace, Silver Flipper, Gold Rush. Um longo e imenso travelling deslumbrante que esconde a pobreza mórbida instalada naquela vila do Norfolk inglês. Uma fascinante tábua de salvação, testemunho silencioso de um tempo áureo do turismo balnear, onde os hotéis e pensões que outrora serviam numerosas famílias inglesas acolhem agora milhares de imigrantes desesperados, prontos a aceitar *Zero Hour Contracts*, horários desregulados e condições de trabalho deploráveis. Uma massa anónima de trabalhadores contratados sazonalmente para trabalhar nas fábricas, por vezes situadas a 100 km da cidade. A nova face da classe operária, os invisíveis.

Na preparação da rodagem deste filme deslocava-me por vezes às paragens de onde partem e chegam os autocarros da fábrica Bernard Matthews, cheias de trabalhadores portugueses – os corpos que pagaram a crise. Os rostos exaustos, com o olhar preso no chão, levam-me inevitavelmente até às primeiras imagens em movimento dos irmãos Lumière (naquele que se convencionou como um dos primeiros filmes da história), mostradas na primeira sessão do cinematógrafo, no Grand Café de Paris em 1895 – *La Sortie de l'usine Lumière à Lyon*. Reflecto sobre as mudanças e esperança trazidas pela revolução industrial. Penso nos rostos sorridentes das mulheres e homens daquele filme e na distância que os separa dos rostos do neoliberalismo, fustigados pela crise, a emigração da sobrevivência: uns saltitam contentes conversando, outros arrastam-se lentamente com os rostos pregados nos telemóveis. Na cena filmada pelos Lumière, que dura menos de um minuto, no abrir das portas da fábrica "já está lá tudo" (como diz Thierry Frémeaux): vemos o mesmo fim da jornada de trabalho, a mesma

multidão, a mesma distância. Estas imagens mostram o nascimento do cinema dentro do processo industrial, mas também contêm já as relações de classe entre quem filma e é filmado, uma relação desigual que se mantem e que coloca todas as questões que interessam. É o século XX a confrontar-se consigo próprio, mas também a incerteza do que está para vir. O cinema não mudou e, no entanto, a sociedade transforma-se.

Voltando ao quarto do Royal Hotel, tento reconstruir a vida daqueles homens e mulheres que durante a noite vagueiam como zombies entre as fábricas, os cafés portugueses, os hotéis e as *arcades* da marginal. Consulto o meu diário, tento unir as micronarrativas daqueles que vivem diariamente a violência daquele lugar, entre as linhas de morte e a deslumbrante reserva natural das *marshes*. Vejo imagens, construo um quadro mental. Os corpos da crise económica, os invisíveis a quem Beatriz Batarda, Kris Hitchen, Nuno Lopes, Romeu Runa e Rita Cabaço darão corpo e voz após um longo período de ensaios e pesquisa. Construo um filme, uma narrativa numa espécie de contradição cognitiva, um cruzamento, um confronto, entre o realismo violento daquele local e os estilhaços de um filme de género – um filme de zombies. Um pesadelo.

A rodagem do filme havia, ela própria, de se transformar num momento de grande violência que nos uniu e transformou a todos. Não só pela natureza do filme, mas, acima de tudo, pela chegada da pandemia que interrompeu as filmagens ao fim de duas semanas, só retomadas 6 meses mais tarde. A realidade colocou-nos a par das circunstâncias de vida das personagens – um filme fabricado no medo, no isolamento e na incerteza face ao futuro.

A sessão de hoje é, por todas estas razões, um momento de grande felicidade, o terminar de um longo processo tantas vezes ameaçado. É uma sessão dedicada a toda a população de Great Yarmouth e a toda a equipa que há tantos anos me acompanha, construindo de forma cúmplice os meus filmes. Aqueles que, nas palavras de William Faulkner, me ajudam a “aprisionar o movimento, que é a vida, por meios artificiais, e retê-lo de modo a que um século mais tarde, quando um estranho olhar para aquilo, aquilo volte a ganhar o movimento da vida. Dado que o homem é mortal, a única imortalidade que lhe é possível é a de deixar atrás de si qualquer coisa de imortal para se manter em movimento”.

10 de Março de 2023, Cinemateca
Estreia de Great Yarmouth – Provisional Figures
O Realizador, Marco Martins

*Excertos do artigo "*Quando as Luzes se Apagarem, brilharão os Corpos que Pagaram a Crise*", de Inês Nadais, escrito para o Público a propósito do espectáculo *Provisional Figures*.

*Excertos de David Company, *On Photography*.

*Excertos da entrevista de William Faulkner para a *Paris Review*.